

PALAVRA- POESIA EM CECÍLIA MEIRELES

Delvanir LOPES¹

Resumo: A palavra instiga a escritura desse artigo. Nele procuramos mostrar a relação travada por Cecília Meireles com a palavra. Para isso nos valem de alguns versos de *Solombra*, obra de 1963, para nela buscarmos compreender: o modo como se dá o diálogo da escritora com as palavras; se através delas a autora esclarece ou amplia os mistérios e como acontecem as escolhas das palavras. Não se trata de análise de poemas, mas sim de evidenciar de que forma se processa o seu fazer poético. Em *Solombra* o poeta é clarividente e veículo para a epifania da palavra, cuja *aletheia* nunca é completa, já que não é intenção de Cecília tirar-lhe a magia, mas mostrar nela a possibilidade de novas relações e novos mistérios.

Palavras-chave: Cecília Meireles, poesia, palavra, *Solombra*

Resumen: La palabra instiga a la redacción de este artículo, en él cual intentamos mostrar la relación entablada por Cecília Meireles con la palabra.. Por lo tanto hacemos uso de algunos de los versos de *Solombra*, su trabajo de 1963, en busca de comprender: cómo es el diálogo de la escritora con las palabras; si a través de las palabras la autora aclara o amplía los misterios y cómo ocurren las elecciones de las palabras. No es un artículo para analizar poemas, sino más bien para resaltar la forma en que ella maneja su hacer poético. En *Solombra* el poeta es un vidente y el vehículo de la epifanía de la palabra, cuya *aletheia* nunca es completa, una vez que no es intención de Cecília tomar su magia, pero mostrar en ella la posibilidad de nuevas relaciones y nuevos misterios.

Palabras-clave: Cecília Meireles, la poesía, la palabra, *Solombra*

Introdução

Trabalho com a palavra. Qual poeta não trabalha com palavras? Qual deles não faz uso delas para provocar o leitor, instigar-lhe nos mais inusitados pensamentos? Palavra pensada, transformada, re-pensada, re-colocada, como ofício de artesão, do que experimenta, muda aqui, re-toca ali, até atingir a forma que julga mais perfeita, e mais próxima, do que ele acredita que seja o seu pensamento tomando forma. E a partir do que passa a ser “ofício do verso” cada leitor vê e lê a obra com liberdade prazenteira, como quer, apropriando-se e tornando-se seu dono. A cada nova leitura é como se a obra fosse re-escrita, renovada.

Assim também acontece com Cecília Meireles. E para nos aprofundarmos no modo como se dá essa relação, elegemos *Solombra* (1963), última obra publicada em vida pela escritora. Tal escolha justifica-se pelo fato de que as obras iniciais de Cecília já despertaram inúmeros estudos por parte da crítica, o que não acontece com as últimas. Os críticos da obra poética ceciliana trabalham as palavras-chave com as quais a escritora exerce seu “ofício”, com

¹ Doutorando, UNESP-Assis, FAPESP

as quais “tece uma concepção metafísica da vida.” (MELLO, 2002, p. 191). As palavras eleitas para análise dos críticos são aquelas já, recorrentemente, escolhidas em outras tantas obras, pela autora. São como nortes deixados por ela, a partir das quais pratica o exercício de constante criação (re-criação).

É inegável a afinidade que Cecília tem com certas palavras. Mostra seu estilo quando faz suas opções e nessas escolhas é que os críticos perceberam as suas recorrências. Mas isso não significa que sua obra já tenha sido clarificada à exaustão, embora, lexicalmente, *Solombra* seja retorno aos mesmos temas, e que as escolhas das palavras que faz vão se alterando sem, contudo, saírem da mesma linha desde *Viagem* (1939).

Todavia, embora as escolhas sejam recorrentes, são sempre novidades, pois nelas pode-se encontrar outras relações mágicas quando saímos do campo simplesmente factual, do aparente, e adentramos o universo do diálogo do autor com o seu universo de palavras. Estas são sempre como portais para inúmeros outros mundos, relações sempre novas a serem descobertas. Motivos que se repetem, palavras que dialogam desde as primeiras obras cecilianas mostram a constância da autora em suas preocupações poéticas e existenciais. É Ana Maria que nos diz que

[...] na produção poética de Cecília Meireles, são motivos recorrentes: a brevidade da existência, o sofrimento advindo das condições de vida do plano terrestre, a impossibilidade de comunicação com as pessoas, o sentimento de incapacidade de mudar as circunstâncias existenciais, a necessidade de aceitação dessas condições, por serem etapas a percorrer no campo evolutivo espiritual. (MELLO, 2001, p. 191)

Contudo, a maneira como ela reage ao mesmo campo de palavras é que parece não ser a mesma. Este será o objetivo desse estudo: buscar compreender como se processam as escolhas de Cecília em *Solombra*. Não será uma análise de poemas do livro, mas algo anterior a isso, apenas um preâmbulo para um passo posterior.

A palavra e a poetisa

Para Cecília as palavras são elementos vivos que morrem e renascem ou, como diz Borges, são “metáforas mortas” que trazem relações implícitas e que precisam ser re-descobertas. Isso fica claro na escolha do título do livro, que já sinaliza que cantar é trazer a vida à palavra. Vida nova traz implicações novas. Para o termo *solombra*, que transita entre luz (sol) – e sombra (ombra) Cecília declara: “Tenho pena de ver uma palavra que morre [...] *Solombra* é uma palavra antiga que encontrei *por acaso* e que é nome antigo de sombra. Era o título que eu buscava e a palavra *viveu de novo*.” (BLOCH, 1989, p. 33, grifos meus)

Nesse âmbito torna-se possível a inversão dos valores entre questionador-questionado no que diz respeito à escolha dos termos, das palavras: será que estas são mesmo escolhidas? Parece haver um limiar, um instante poético em que não se sabe quem escolhe: se o poeta tem prioridade na escolha ou se a palavra, ao acaso, toma o seu lugar e manifesta-se, como elemento vivo que é. Se podemos afirmar que há diálogo com as palavras tanto por parte do escritor quando as escreve, quanto do leitor quando as lê, podemos inferir que palavras podem ou não influenciar nas escolhas de sentido e que é nesse “diálogo” que se constrói o texto.

As palavras já contêm as ideias e as tantas possíveis ilações que podem ou não ser evidenciadas. “Palavra que precisa ser libertada, reconhecimento à palavra de um poder que se acha presente, mas não reconhecido”. (MONTEIRO, 1965, p. 30) Cecília Meireles reconhece tal poder e lhe permite manifestar-se. Poderíamos aceitar, com isso, que o poeta tem a tarefa de mediar a manifestação da palavra, como bem salienta Heidegger:

O poeta força e confina os raios divinos para ao interior da palavra e verte esta palavra carregada de relâmpagos para a língua do seu povo. O poeta não dá seguimento às suas vivências interiores, mas está colocado “sob as tempestades de deus” – “de cabeça descoberta”, colocado à sua mercê sem qualquer protecção e afastado de si próprio. O ser-aí não é outra coisa senão o *estar colocado à mercê do poder esmagador do ser*. (HEIDEGGER, 2001, 37-38, grifos do autor)

São dois momentos da poesia de Cecília em *Solombra*, portanto: um em que a palavra é clareza e outra em que é mistério. Palavra mistério, decifrada quando a epifania no poema faz-se no diálogo com a poetisa, revelado e continuamente se revelando. A clarividência, que é o desejo do eu-lírico de *Solombra*, é o reconhecimento de seu papel de demiurgo, de “projetado fora” de si mesmo, qualidade de ver além do aparente, ver o que os outros não veem: “Quero a insônia, a vigília, uma clarividência/ deste instante que habito – ai meu domínio triste!/ ilha onde eu mesma nada sei fazer por mim.” (MEIRELES, 2001, p. 1266) Ter clarividência para decifrar os próprios segredos e levá-los ao povo é uma necessidade. A poetisa precisa da clarividência da existência para mostrar que, ao mesmo tempo em que é “ilha” onde não sabe “nada”, é a porta de entrada para a sua iluminação. O instante (o tempo) é ambíguo e para decifrá-lo só a clarividência, que leva da palavra ao pensamento, como lemos no verso: “Vejo a flor, vejo no ar a mensagem das nuvens” [...]. (MEIRELES, 2001, p. 1275) O poeta só o é porque entende a ambiguidade do instante:

A poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um *poién* como um *producere*, ponto de irrupção do ser na linguagem que acede à palavra, e, portanto, também de intersecção da linguagem com o pensamento. (NUNES, 1992, p. 261)

A poesia não irá transformar a palavra em palavra mágica, uma vez que em sua origem elas já são. À medida que alguém as usa para se “expor”, “falar” de si, da existência, do mundo, permitindo-lhes novos momentos para novas relações, as palavras não deixam de ser mágicas, mas ampliam ainda mais essa função. Ou seja: paradoxalmente, esclarecer a simbologia da palavra é o mesmo que amplificar seu caráter de mistério. Revelando e clareando, a palavra mantém as suas possibilidades de ser. Vejamos o que nos diz, sobre isso, Ungaretti:

Será que esse é o único dom da magia, o sumo poder de metamorfose que o homem possui? É o dom através do qual a palavra, em sua obscura origem e em seu obscuro alcance, nos

conduz ao mistério, deixando-o entretanto incognoscível, e como se ela tivesse surgido, dizia-se, para se opor, num certo sentido, ao mistério.” (UNGARETTI, 1994, p. 198)

Borges afirma que “[...] as palavras começaram, em certo sentido, como mágica” e também que uma das maneiras de usar a poesia “é o poeta usar as palavras comuns e de algum modo torná-las incomuns – extrair-lhes a mágica”. (2000, p. 86 e 94) Mas o poeta não deve extrair da palavra a mágica, como quer Borges, pois isso seria a morte da poesia e, por consequência, da própria palavra. Não há palavra sem magia. É evidente, também, que buscamos razões para os poemas e explicações para as palavras e que queremos decifrar-lhes os mistérios, a magia. Mas isso não acontece. Não alcançamos a completa revelação e sempre permanece alguma sombra. O enigma é muito mais intrigante do que a revelação, nesse sentido, e é onde está a magia da poesia:

Mas a palavra acumula sim toda essa “força”. Obviamente todo crítico/leitor quer decifrar os enigmas, clarear os mistérios e atingir o que acredita ser “a verdade”. E o fazem com propriedade. ‘Quando os enigmas se tornam inaudíveis, tudo se faz escuro e desolado em torno de nós. Quando os ouvimos, não achamos tranquilidade.’ (JASPERS, 2001, p. 114)

Em *Solombra* a palavra nunca diz tudo e grande parte dos críticos vê nesse fato a “impossibilidade de comunicação”. Certo é que em vários versos de *Solombra* o eu-lírico não se sente seguro quanto à eficiência de suas palavras. Assim lemos: “Qualquer palavra que te diga é sem sentido.” (MEIRELES, 2001, p. 1264) ou “As palavras estão com seus pulsos imóveis.” (MEIRELES, 2001, p. 1272). Camlong sintetiza bem esse sentimento:

Dialogue qui n’est que ‘la moitié d’un dialogue’, parce que la voix vient que d’un côté du rivage. La voix qui si trouve sur l’autre rivage est

muette: elle ne s'importe paz [sic]. Autant dire qu'il n'y a pas communication: *metade de um diálogo obscuro*." (1980, p. 27)²

Algumas vezes a “preocupação” do poeta é saber do alcance de suas palavras, ainda que elas nasçam das experiências cotidianas: “Uma vida cantada me rodeia./ Mas pergunto-me até onde alcança/ o canto que me envolve e me protege. (MEIRELES, 2001, p. 1279) Em outros momentos da obra, o eu-lírico percebe a dualidade das palavras que, ao mesmo tempo em que parecem “mortas”, almejam “viver” (“[...] as palavras são conchas secas, bradando/ a vida, a vida, a vida! [...]” MEIRELES, 2001, p. 1263); ao mesmo tempo em que são mistério, querem ser clarificadas (“dizer com clareza o que existe em segredo [...]” MEIRELES, 2001, p. 1265). Contudo, em outros versos de *Solombra* o desejo do eu lírico é que o mistério volte às palavras: “Ah, glória das palavras restituídas/ a seu mistério de alma, íntimo e cálido! (MEIRELES, 2001, p. 1274)

A *alma* da palavra, que é essencialmente misteriosa, mágica, deve ser restituída. Palavra é *aletheia*, uma espécie de esclarecimento que dissimula, um desvelar velando, uma passagem do obscurecimento ao que clareia e que, por sua vez, esconde novamente o ser. Ou seja, a poesia, ao mesmo tempo em que aproxima, distancia a verdade.

A poetisa e a palavra

Se até agora discorremos sobre a palavra viva e parece que temos relegado ao poeta um papel secundário, passivo, apenas de colaborador na epifania da palavra, mostraremos que tal fato não é verídico. Borges afirma que “sentimos a beleza de um pensamento mesmo antes de começarmos a pensar num sentido” (BORGES, 2000, p. 89), o que pode nos levar a conjecturar que termo “solombra” escolhido por Cecília para o título de sua obra, a primeira aproximação se deu pela beleza do termo, e depois pelos tantos sentidos que foram (e vão) sendo descobertos aos poucos. Em *Solombra*, obra abstracionista, de compreensão difícil, a primeira *atração* que temos é pela

² “Diálogo que não é mais que ‘a metade de um diálogo’, porque a voz vem apenas de um lado da margem. A voz que se acha na outra margem é muda: ela não se importa. É como dizer que não há comunicação: metade de um diálogo obscuro.” (tradução minha)

beleza das palavras, sua sonoridade, meticulosamente colocadas. Quando lemos a epígrafe do livro, semelhante a um versículo bíblico, já nos sentimos atraídos:

Levantei os olhos pra ver quem
falara. Mas apenas ouvi as vozes
combaterem. E vi que era no Céu
e na Terra. E disseram-me: Solombra.
(MEIRELES, 2001, p. 1962)

Os poemas de *Solombra* estão, a maior parte deles, em primeira pessoa ou são divagações gerais, impessoais. Na epígrafe percebemos a função do poeta, que já havíamos sinalizado anteriormente. “Levantar os olhos” é abri-los, deixar de ser ensimesmado e projetar-se. O poeta constrói o inaudito ao *ouvir* o que as vozes que vêm do Céu e Terra têm a dizer. O silêncio é essencial à poesia, assim como o desprendimento do mundo: “A coragem da solidão é uma das condições fundamentais da palavra profética do poeta.” (DETTONI, 1993, p. 162). Cabe ao escritor estabelecer as correspondências entre o abstrato e o concreto, fazer com que as palavras realizem essa que é sua verdadeira e essencial função. O poeta sabe o que dizer, nos alerta Cecília:

O escritor é a pessoa que diz o que muitos sentem e não sabem expressá-lo. Nossa responsabilidade é de dizer essas coisas com clareza. E há, também, essas coisas que nem todas as pessoas sentem, mas que o escritor ensina a sentir. (MEIRELES apud ZAGURY, 1973, p. 143)

Saber ouvir o silêncio do Tu (que os críticos têm as mais diversas opiniões sobre o que/quem seja em *Solombra*) e transformá-lo em poesia, decifrar o que é aparentemente incomunicável, vivenciar o deserto do diálogo é a tarefa daquele que deseja fazer a verdadeira *poiesis* e promover a sua epifania. O eu-lírico deixa claro que não é propósito seu apresentar a verdade sobre a existência, mas apenas ser a sua sombra.

Ser tua sombra, tua sombra, apenas,
e estar vendo e sonhando à tua sombra
a existência do amor ressuscitada.

PALAVRA- POESIA EM CECÍLIA MEIRELES

Falar contigo pelo deserto.
(MEIRELES, 2001, p. 1265)

Teremos a certeza de que as palavras são as certas para expressarem o que o poeta sente, quando por elas se instaura ou permite o vínculo entre o real e o transcendente; quando, por meio da decifração delas se compreende um pouco mais da própria existência:

Casualidade humana obscura e incerta...
Quem fomos? Quem seríamos? Quem somos
Se o canto nos envolve e rasga o temo

E – em que hora isenta? – nos deixa a salvo.
(MEIRELES, 2001, p.1279)

Solombra é busca incessante da verdade, é luz e sombra alternando-se, é racionalidade e abstracionismo, dia e noite, razão e mistério, instâncias que devem ser aceitas como realidades do mundo. Mundo ceciliano relacionando-se com o mundo das palavras e com o mundo dos homens. Tudo permanentemente diáfano e fugidio; tudo já dito, mas tudo sempre novo e original ao mesmo tempo:

Refiro-me ao fato de ver o poeta a coisa a um tempo de modo inteiramente original, fresco, recente – como se tratasse de algo nunca visto ou nunca ouvido, ainda sem nome, recém-criado – e ao mesmo tempo carregada de toda a experiência não só pessoal, do poeta, com de todos os homens. (FAUSTINO, 1977, p. 51)

Torna-se evidente que, na imensidão de possibilidades que o mundo das palavras oferece, o poeta ainda continua sendo o veículo para a epifania e que sem ele as palavras continuariam sendo apenas materiais precisos, mas inertes, como uma obra sem arquiteto para ordená-la. Na relação poeta-palavras nasce o estado poético e nesse estado a emoção/pensamento é o guia.

Considerações finais

Em Cecília os poemas nascem do diálogo com as palavras. Captando o instante efêmero de um pensamento ou objeto, na busca de elucidá-lo ao extremo e exprimi-lo na força sintética da poesia, a poetisa clareia um pouco mais a realidade e dá ao homem chances de compreender a si e a sua natureza. Para isso, muitas vezes a palavra é escolhida; noutras, como por magia (ou se preferirmos o termo “acaso”, de Cecília) as palavras, como por encanto, se apresentam para serem utilizadas.

Desse modo se dá o ato de re-ligare, ainda que essa não seja, explicitamente, sua intenção, e a poetisa/poema que vê o que os outros não veem e que dialoga com o aparentemente “indialogável”, cumpre sua função de diminuir abismos e criar pontes, de iluminar mistérios e manter a magia, de ser emoção e de ser pensamento.

Quanto mais conseguimos transferir nossa emoção e a novidade da nossa visão aos vocábulos, mais os vocábulos chegarão a cobrir-se de uma música que será a primeira revelação a sua profundidade poética para além de todo limite de significado. (UNGARETTI, 1994, p. 218)

Cecília, nefelibata, está nesse mundo etéreo que se dá no instante em que há a comunicação entre poetisa/palavra. “Das nuvens” porque sutil nas poesias sobre as pequenas coisas, os detalhes mínimos, que são justamente quando acontecem os rasgos de eternidade que ela tanto preza. Mas nunca alheia ao mundo. Cecília permite que o *ser* se torne linguagem e, por isso, habita nessa linguagem e nela busca consumir a manifestação do *ser*. Morar no sentido de vivenciar, ainda que na solidão, o que há de essencial e mais puro nas palavras. Mostrar com as poesias que o caminho para o desconhecido está aberto e que é possível uma relação com algo além do simplesmente material e humano, sem melancolia, mas evidenciando a sempre possibilidade. Cecília não esclarece, mas mostra o mistério, aumenta a magia, permite lances de claridade que o leitor atento, que entra no diálogo com as palavras com a autora, se permite vivenciar. Essa é Cecília, poetisa da palavra.

Referências

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: _____. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1989, p. 31-36.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CAMLONG, André. Réflexion sur la métaphisique de Cecília Meireles. *Língua e Literatura*. São Paulo, FFLCH-USP, 9, 1980, p. 21-43.

DETTONI, J. Heidegger: o papel do poeta. *Revista Reflexão*. PUC - Instituto de Filosofia, Campinas, n. 55/56, p. 160-170, Jan/Ago 1993.

FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. SP: Perspectiva, 1977.

HEIDEGGER, M. Hölderlin y la esencia de la poesía. In: *Arte y poesía*. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

JASPERS, Karl. *Introdução ao Pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MELLO, Ana M.L.de. Viagem aos confins da noite: *Solombra*. In: _____. *Poesia e Imaginário*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002, p. 191-239.

MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *A palavra essencial*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/ EDUSP, 1965 (Col. Ensaio, 2).

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético – filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Editora Ática SA, 1992.

UNGARETTI, Giuseppe. Razões de uma poesia. In: *Razões de uma poesia e outros ensaios*. São Paulo:EDUSP/Imaginário,1994,p. 195-219.

ZAGURY, E. *Cecília Meireles: Notícia Bibliográfica, Estudo Crítico, Antologia, Discografia, Partituras*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.